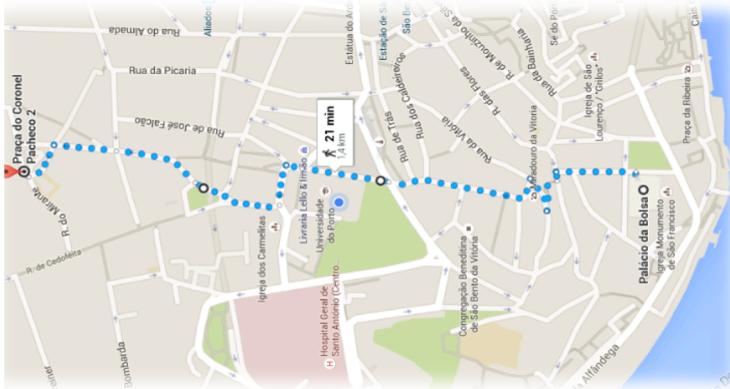




Percurso pedonal no centro do Porto - dia 2 de junho de 2016 -



Praça de Carlos Alberto



Praça resultante da ramificação das estradas que atravessavam a Porta do Olival, da muralha gótica do Porto, e se dirigiam para Braga e Guimarães. A 1.ª referência documental ao lugar - com a designação de Largo dos Ferradores - consta de um registo paroquial da freguesia de Sto Ildefonso, de 1638. A praça recebeu também o nome de *Feira das Caixas* pelo facto de numa das tendas de marceneiros que nela havia se confeccionarem as bagageiras utilizadas pelos emigrantes que se dirigiam ao Brasil. Aqui se realizou ainda uma outra feira - a "*feira dos criados de lavoura e das criadas de servir*" -, originária da praça da Corujeira e transferida para a rotunda da Boavista em 1876.

O palacete dos Viscondes de Balsemão, situado no topo nascente da praça, alberga a Direcção Municipal da Cultura da Câmara Municipal do Porto. Convertido numa hospedaria durante o século XIX - a *Hospedaria do Peixe* -, recebeu, em 1949, aquando do seu exílio no Porto, o Rei do Piemonte e da Sardenha, Carlos Alberto. Foi, pois, em memória da estadia aqui deste Rei que o antigo Largo dos Ferradores se converteu na atual Praça de Carlos Alberto.

Monumento aos Soldados Mortos na I Guerra Mundial: monumento em memória dos combatentes da I Guerra Mundial. Começou a ser executado em 1927 e foi inaugurado no dia 9 de abril do ano seguinte. Da autoria do arquiteto Manuel Marques e do escultor Henrique Moreira, assenta numa base cruciforme e é composto por uma coluna quadrada decorada com escudos.

Monumento ao General Humberto Delgado: memorial dedicada ao General Humberto Delgado da autoria do mestre José Rodrigues, inaugurado a 14 de maio de 2008.

Praça de Gomes Teixeira

Esta praça já se chamou Largo do Carmo, Campo dos Meninos Órfãos, Praça do Pão ou Praça da Feira do Pão e Praça dos Voluntários da Rainha. No início do século XX, após a criação da U.Porto, chamou-se Praça da Universidade e, mais tarde, Praça de Gomes Teixeira, em homenagem ao insigne matemático, pedagogo, escritor, e 1.º reitor da U.Porto. Refira-se, no entanto, que a praça é popularmente conhecida como *praça dos Leões*, devido à fonte que nela se encontra implantada.



Edifício histórico da Reitoria da Universidade do Porto: edifício sede da U.Porto, que acolhe a Reitoria, os museus da Universidade (instituídos em 1996 e presentemente em remodelação), a Galeria dos Leões e a loja da U.Porto. Construído e remodelado ao longo de mais de 1 século, nele estiveram

instaladas a Academia Real de Marinha e Comércio (1803-1837) e a Academia Politécnica do Porto (1837-1911). O espaço pertencia ao Colégio dos Meninos Órfãos, que aí se manteve até meados do século XIX. O 1.º desenhista arquitetónico da Academia Real é do arquiteto e professor lisboeta José da Costa e Silva (1747-1819) e foi mais tarde revisto por Carlos Amarante (1748-1815), arquiteto autodidacta e engenheiro de pontes. Para a concretização da obra concorreram a Câmara do Porto, a CGAVAD e o imposto "*do real de vinho*" ou "*subsídio literário*". A morosidade da construção ficou a dever-se à instabilidade económica e política do país, mas também à necessidade de se

Durante a segunda metade do século XIX, a responsabilidade das obras esteve a cargo do engenheiro e professor Gustavo Adolfo Gonçalves de Sousa (1818-1899) e do engenheiro António Ferreira de Araújo e Silva. Em 1911, com a criação da Universidade do Porto, a Academia Politécnica foi desmembrada e parcialmente integrada na Faculdade de Ciências. No edifício instalaram-se a Reitoria, a Faculdade de Ciências com os seus museus e laboratórios, bem como uma Escola de Engenharia. Em 1974 (madrugada de 20 de abril) um devastador incêndio destruiu parte do edifício, então ocupado pela FCUP, pela Faculdade de Economia e pela Reitoria. A recuperação deu lugar a intervenções profundas na estrutura do edifício e na sua distribuição no espaço, em particular no corpo Norte. Em 1976, a Reitoria mudou-se para o antigo Centro de Instrução e Condução Auto do Porto, regressando em 2006.



Igreja e Antigo Convento de Nossa Senhora do Carmo: os Carmelitas Descalços vieram para o Porto em 1617. A licença para fixação da comunidade foi conseguida por intercessão da poetisa portuense D. Bernarda de Lacerda. Os primeiros 10

monges instalaram-se na rua de S. Miguel, de onde passaram para um terreno no Campo do Olival cedido pelo Bispo e pela Câmara - onde hoje está instalado o Quartel da GNR - e foi aqui que se ergueu o edifício conventual. A 1.ª pedra foi lançada em 1619 e a obra ficou concluída em 1622. A igreja, erguida do lado nascente, em estilo maneirista e barroco, data do século XVIII. Na sua frontaria clássica destacam-se as imagens de S. José, de Sta Teresa e de N.ª S.ª do Carmo, e no seu remate o brasão da ordem religiosa sob a coroa real. O interior está decorado por talha dourada barroca e rococó. A torre sineira de 3 pisos está revestida a azulejos de padrão e tem cobertura piramidal.

Igreja da Ordem Terceira do Carmo: igreja rococó idealizada pelo pintor, arquiteto e professor viseense José de Figueiredo Seixas para a Venerável Ordem Terceira do Carmo, a qual veio a integrar (1760). A 1.ª pedra do templo, construído em antigos terrenos dos monges carmelitas descalços, foi benzida a 12 de agosto de 1756. Nele salientam-se a frontaria de cornijas avançadas e linhas ondulantes, a fachada lateral revestida a azulejos tradicionalistas azuis e brancos, alusivos ao orago e executados por Carlos Branco a partir de desenhos de Silvestre Silvestri (1912) e o retábulo-mor de bases protuberantes, obra do afamado entalhador Francisco Pereira Campanhã (1773).

Lojas de tradição



Nesta área histórica e turística, concentra-se um interessante conjunto de estabelecimentos comerciais de diversas épocas, estilos e utilidades, que se enquadra no grupo das chamadas "lojas de tradição". Falamos concretamente do centenário Café Ancora D'Ouro ou popularmente "Piolho", na Praça Parada Leitão, espaço de tertúlias e de convívio universitário, restaurado em 2004; dos armazéns Cunhas, nos Leões, com fachada art déco encimada por um pavão cerâmico; da Leitaria Quinta do Paço e da Padaria Ribeiro, na praça Guilherme Gomes Fernandes; da Livraria Lello & Irmão, desenhada pelo engenheiro Xavier Esteves (inaugurada em 1906, e reinaugurada em 1995), tida como uma das mais belas do mundo pela combinação de elementos neogóticos e arte nova; do armazém oitocentista da antiga firma Fernandes, Mattos e C.ª, que hoje acolhe no 1.º andar a loja "A Vida Portuguesa", e do *beauxartiano* edifício das Quatro Estações, do arquiteto português Marques da Silva, sede de uma das lojas da empresa Marques e Soares, todos na rua das Carmelitas.



Clérigos: o conjunto arquitetónico dos Clérigos, em estilo barroco e habilmente construído num terreno desnivelado, destinou-se à assistência dos clérigos pobres. Compõem-na uma igreja de planta elíptica e capela-mor retangular (1732-1758), integrada no edifício da Irmandade dos Clérigos (Casa do Despacho e Enfermaria) que, por sua vez, se liga a uma torre sineira. É da autoria do pintor, decorador e arquiteto toscano Nicolau Nasoni (1691-1773), que acompanhou graciosamente as obras e foi aceite como irmão-leigo da Irmandade, estando, por isso, sepultado no interior do templo. Na frontaria, voltada para a rua dos Clérigos, abre-se uma escadaria imponente, podendo observar-se a Capela de Nossa Senhora da Lapa, uma grande profusão de ornatos barrocos (festões, fogaréus, concheados, etc.), símbolos papais, imagens calcárias de S. Pedro e S. Filipe de Nery da autoria de Jacinto Vieira e o monograma "AM" (Ave Maria). No interior da igreja sobressaem os trabalhos de talha dourada, a abóbada de mármore (de 12 gomos, com escudo central de granito, um monograma "AM", os símbolos de S. Pedro e folhagem), o retábulo-mor de mármore policroma, desenhado por Manuel dos Santos Porto, os cadeirais de jacarandá e o sacrário. A torre (1754-1763), com 76 metros de altura, 6 registos e 225 degraus, é um *ex-libris* da cidade e um excelente miradouro. Tem 2 campanários e um dos maiores

O **Jardim de João Chagas** é um espaço ajardinado público da segunda metade do século XIX (1865) traçado pelo alemão Emile David (1839-1873) que, em 1864, dirigiu no Porto os trabalhos de jardinagem do Palácio de Cristal. Na cidade, o nome deste arquiteto paisagista também ficou associado ao Horto das Virtudes, ao planeamento de intervenções noutros jardins emblemáticos como o de S. Lázaro e o do Passeio Alegre, e ao desenvolvimento de atividade comercial num estabelecimento situado na rua de Santa Catarina. Entre 1999 e 2000, no âmbito do programa urbanístico do "Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura", foi profundamente alterado e depois novamente intervenção pela Câmara Municipal. Não vedado e de planta triangular, com percursos retilíneos, o jardim dispõe de um lago e de um coreto, assim como de diversas esculturas de diferentes estilos e cronologias: "*A Flora*", da autoria do mestre António Teixeira Lopes (1866-1942), dedicada ao floricultor e horticultor Marques Loureiro (1830-1898), o busto do poeta António Nobre (1867-1900), de Tomás Costa (1861-1932), a estátua do escritor Ramalho Ortigão (1836-1915), do escultor Leopoldo de Almeida (1898-1975), "*Treze a rir uns dos outros*", do artista madrileno Juan Munõz (1953-2001) e "*O Rapto de Ganimedes*" de António Fernandes de Sá (1874-1959). Embora conhecido por Jardim da Cordoaria, o seu verdadeiro nome é de João Chagas (1863-1925), em homenagem ao escritor, jornalista, político e crítico da monarquia. Veio substituir a Alameda da Cordoaria, o espaço verde mais antigo da cidade, criado por D. Filipe II (1578-1621).



Antiga cadeia da Relação /CPF: em 1603 Filipe I ordenou a construção de um edifício no Campo do Olival, para acolher a Cadeia e Tribunal da Relação. Em 1750 programou-se uma nova edificação, a erigir segundo um de 2 projetos propostos por Nasoni, o que não chegou a concretizar-se. Anos mais

tarde, Eugénio dos Santos e Carvalho (1711-1760), um dos principais reconstrutores da baixa pombalina, foi chamado a traçar um novo plano para a Cadeia e Relação, o qual foi executado por iniciativa de João de Almada e Melo, entre 1765 e 1796. Este monumento de planta poligonal irregular e aspeto externo austero, que hospedou a sede do Tribunal da Relação e serviu de Cadeia até ao século XX, apresenta 2 fachadas nobres, uma voltada a nascente, para a rua de S. Bento da Vitória, à qual se adoeceu uma fonte, e outra, mais imponente, voltada para a antiga alameda do Olival, hoje Campo dos Mártires da Pátria. No espaço interior de três andares, distribuíam-se as enxovias (celas) para os presos de condição inferior, o oratório aberto para o pátio térreo, os quartos de malta (15 celas individuais), a Sala do Tribunal e a capela. Por aqui passaram presos famosos. O número 8 dos Quartos de Malta acolheu o Duque da Terceira, António José de Sousa Manuel de Meneses Severim de Noronha, o casal de escritores românticos - Camilo Castelo Branco e Ana Plácido -, que ocuparam o quarto 12 e o Pavilhão das Mulheres, respetivamente. No quarto número 13 esteve Vicente Urbino de Freitas, médico e lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, que protagonizou o tristemente célebre "*Crime da Rua das Flores*".

Lugar da Judiaria Nova do Olival



Em 1386, D. João I mandou instalar os judeus dispersos pelo Porto - que habitavam as Aldas e S. João Novo, assim como as judiarias do Castelo, da Minhota e de Monchique - num espaço intramuros, justificando a medida por questões de segurança. O *ghetto* judaico ocupava um terreno de 30 courelas e por ele se pagavam anualmente 200 *maravedis*, tal como estipulava o contrato celebrado com a Câmara a 2 de junho de 1388. Rodeava-o uma cerca com 2 portas, uma voltada para o Largo da Porta do Olival, outra para as "*Escadas da Esmoga*" (hoje, Escadas da Vitória) e para o caminho de Belmonte. Em pouco tempo e de forma muito racional, os judeus urbanizaram uma zona erma e economicamente desinteressante, pois só anos mais tarde é que se rasgaria a rua Nova ou Formosa (depois rua Nova dos Ingleses e hoje rua do Infante D. Henrique), entre o Convento de S. Francisco e a desembocadura da rua dos Mercadores, por norma considerada como o 1.º projeto urbanístico moderno do Porto. A Judiaria Nova do Olival desenvolvia-se em torno de um eixo principal (norte-sul) constituído pela rua de S. Miguel (que hoje corresponde às ruas de S. Bento da Vitória e de S. Miguel), em torno do qual se abriam travessas perpendiculares. Era um burgo dentro do burgo, limitado a norte por uma viela que seguia para as *barreiras*, ficando no seu exterior o "*outão*" e o forno do Olival, assim como a Sinagoga, provavelmente no lugar depois ocupado pela Igreja de N.ª S.ª da Vitória. Os judeus aqui viveram e prosperaram, tendo assimilado, em 1487, os hebreus expulsos de Castela. O édito de expulsão de D. Manuel I (dezembro de 1496) ditou o fim da Judiaria e muitos judeus abandonaram o reino, enquanto outros se convertiam ao Cristianismo. Estes passaram a designar-se *cristãos-novos*. As casas

No tempo dos Filipes, esta zona albergou algumas tropas espanholas. Recentemente, no decurso de umas obras numa casa da rua de S. Miguel (n.ºs 9-11) ter-se-á descoberto um *ehal* (arca), onde se guardavam os rolos da Lei (*Torah*).

Largo de S. Domingos



Este largo veio ligar a zona ribeirinha à parte alta da cidade e conserva o nome do já extinto mosteiro mendicante. Nele localizava-se o chafariz de S. Domingos, tido como a "1.ª fonte redonda do Porto" e uma das mais importantes do final da Idade Média. No século XVIII foi reformado por vontade do Governador de Armas João de Almada e Melo, e em colaboração com o cônsul britânico John Whitehead.

Palácio das Artes: o espaço do antigo convento de S. Domingos, que foi convertido na sede do Banco de Portugal e albergou a 1.ª contrastaria do Porto e uma companhia de seguros (Seguradora Douro), recebe hoje o Palácio das Artes - Fábrica de Talentos da Fundação da Juventude.

Rua das Flores



Neste inovador arruamento, começado a abrir por ordem de D. Manuel I no 1.º quartel do século XVI no bispado de D. Pedro da Costa, foram edificadas a Igreja da Misericórdia (XVI-XVIII) e a antiga sede da Santa Casa da Misericórdia do Porto (atual MMIPO - Museu da Misericórdia do Porto) e algumas das mais nobres casas da elite portuense. Nos nossos dias é um dos principais pontos turísticos da cidade.

Rua Ferreira Borges



Mercado Ferreira Borges: um dos edifícios mais representativos da "Arquitetura de Ferro" oitocentista, projetado por João Carlos Machado (1885-1888) e construído por iniciativa da Câmara Municipal, para substituir o velho mercado da Ribeira. Em 1904 foi pensada a sua conversão num Museu Municipal ou num Jardim de Inverno, mas só

em 1983 foi remodelado pela intervenção do Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira/Barredo (projecto do arquiteto Furtado Mendonça), num projeto subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, e executado pela Companhia Aliança, que o tinha edificado no século XIX. Hoje é um espaço de restauração e lazer (Hard Club).

Instituto dos Vinhos do Douro e Porto: edifício neoclássico construído em 1843 para sede do Banco Comercial do Porto, transformado na década de 30 do século XX no Instituto do Vinho do Porto, atual IVDP.

Jardim e estátua do Infante D. Henrique: o jardim data de 1885 e a escultura, da autoria de Tomás da Costa, foi inaugurada a 19 de outubro de 1900 (a 1.ª pedra deste monumento foi colocada a 4 de Março de 1894, nas comemorações dos 500 anos do nascimento do Infante de Henrique).



Palácio da Bolsa: a Associação Comercial do Porto iniciou a construção da sua sede em 1842, no local do velho convento de S. Francisco. Neste edifício, um exemplar tardio da arquitetura *neopalladiana*, inicialmente projetado por Joaquim da Costa Lima e concluído apenas em 1910, participaram alguns dos mais destacados artistas plásticos portugueses do século XIX e do início do século XX tais como: os escultores Teixeira Lopes e Soares dos Reis; os pintores António Carneiro, Veloso Salgado, António Ramalho e Marques de Oliveira e os arquitetos Marques da Silva e Tomás Soller. Os espaços mais emblemáticos deste "palácio" são: o Pátio das Nações, com cobertura de ferro e vidro e pavimento em mosaico, e o Salão Árabe da autoria de Gonçalves de Sousa, inspirado na obra "*Grammar of Ornament*" do artista inglês Owen Jones.

Apresentação da Susana Barros

Licenciada em História de Arte (1995) e pós-graduada em História da Cidade do Porto (2004) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é colaboradora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (desde 2007), da Unidade de Gestão de Informação da Reitoria da Universidade do Porto, atual Unidade de Documentação e gestão de Informação da U.Digital da Universidade do Porto (desde 2008) e ainda professora (desde 2007) e codiretora (desde 2013) da Universidade Sénior da Foz e formadora da Universidade Sénior do Sindicato de Professores da Zona Norte (desde 2014).

Desde 2001, guia visitas pedonais histórico-culturais, sobretudo no centro histórico do Porto, mas também no Douro Vinhateiro e nos centros históricos de Braga e de Guimarães, para grupos escolares de vários níveis de ensino, nacionais e estrangeiros, e entidades como a Associação Comercial do Porto, a Universidade do Porto e a Câmara Municipal do Porto e associações culturais como os Amigos dos Castelos.